

MARQUES, Ana Martins. *Risque esta palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 114 p.

Ana Martins Marques risca o silêncio

Pâmela Nogarotto*

Contemporâneo é o nome provisório dado ao que ainda não ganhou um nome próprio, pode-se dizer a grosso modo. O tempo contemporâneo é obscuro; o poeta desse tempo, portanto, é aquele “que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”, define Giorgio Agamben (2009, p. 62) É só com o distanciamento e o tempo necessários que a crítica da poesia de hoje (e este hoje é um dêitico que abarca algumas décadas) possivelmente fabricará um nome. O momento é definido como o de um mal-estar da crítica por Marcos Siscar em *A cisma da poesia brasileira* (2005), um embaraço digno de aproximação à crise da fundação poética da modernidade.

Mais do que apenas assumir resignado a falta de um projeto coletivo, Wilberth Salgueiro contribui ao processo de fabricação de um panorama atual em *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência* (2018)². Sua leitura é a de que a poesia contemporânea, nas produções de 2003 a 2014, pode ser classificada em três aspectos gerais: a presença maciça de metapoemas, uma intensa exposição da subjetividade e uma rarefação de temas sociais. Entre os poetas analisados pelo professor está Ana Martins Marques³. A mineira vem

* Pâmela Nogarotto é mestra e doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) na linha de Literatura e outras línguas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7553-7537>

2 O autor parte do *corpus* dos 33 livros de autores brasileiros indicados na categoria Poesia ao Prêmio Portugal Telecom no período de 2003 a 2014.

3 Indicada em 2013 na categoria Poesia pela publicação de *Da arte das armadilhas*.

publicando há pouco mais de uma década, tempo suficiente para se destacar como uma das mais reconhecidas vozes da poesia contemporânea no Brasil.

Em sua introdução, Wilberth Salgueiro menciona a poesia de Ana Martins Marques como exemplo do retorno à “poesia subjetiva, expressiva, sentimental” (2018, p. 15), mas é verdade que os outros dois aspectos elencados por ele como representantes da poesia contemporânea podem ser pensados e relativizados em sua obra.

Para ficar com um exemplo da metapoesia na escrita da poeta até aqui, destaco a primeira parte de *O livro das semelhanças*, chamada “Livro”. Os poemas que integram a seção levam respectivamente o título de “Capa”, “Nome do autor”, “Título”, “Dedicatória”, “Epígrafe” e, ironicamente, “Primeiro poema” — este posterior a outros, de antemão insinuando como o livro começa antes de começar. Assim se desenvolve o livro como projeto estético, como unidade, sem a prerrogativa de intercambiação de poemas. Como se nota, o fazer metapoético excede o poema, vai ao livro. Do mesmo modo, em *Risque esta palavra* se nota a densa presença de metapoemas e da recuperação do livro como unidade.

Este, seu sétimo livro, em seu título já insinua a linguagem como matéria-prima e protagonista. É composto por quatro seções: a primeira delas ganha o nome de “A porta de saída”, que abre as portas do livro. Diferentemente de *O livro das semelhanças*, em que o primeiro poema se chama “Capa”, isto é, que obedece à estrutura linear do livro, de começo e fim, aqui o leitor entra pela saída. Ao lançarmos um olhar para os poemas que o compõe, no entanto, resta claro que a porta da saída pode ser a saída da vida para a morte. Algo acabou, e o poema que

carrega o nome da seção, “Porta de saída”, com os versos da estadunidense Edna St. Vicent Millay em sua epígrafe resume: “Eu vou morrer, mas/ isso é tudo o que farei pela Morte”. Além disso, a seção pode ser lida como a saída para a viagem da seção seguinte — e não deixa a morte de ser uma viagem.

Mineira herdeira de Carlos Drummond de Andrade, Ana Martins Marques faz nessa primeira seção uma ode ao mineral dando espaço à pedra e ao pó. Mais do que isso, dá voz à pedra. No primeiro poema, lê-se: “um poema não é mais/ do que uma pedra que grita” (Marques, 2021, p. 12) Como fechamento do poema, o imperativo que nomeia o livro: “risque por favor/ esta palavra” (idem, p. 12) Também em “Quatro pedras” o mineral retorna: “No meio do caminho/ a falta da pedra/ (minerada):/ oco/ na paisagem que/ o olho/ fatigado/ (como a um cisco)/ não esquece” (idem, p. 33). A pedra da lápide, o pó do corpo. Por fim, no poema “Medusa” damos com a pedra e o pó: “mas tudo é já/ desde sempre pedra/ pó futuro” (Marques, 2021, p. 41)

No mesmo poema da figura mitológica grega há de se pensar sobre o segundo aspecto levantado por Wilberth Salgueiro, a saber, a rarefação de temas sociais na poesia contemporânea. aos que não têm mais pátria

seja porque se exilaram
seja porque o país se exilou de nós
e toma a forma dos nossos pesadelos
seja porque na realidade não há países
mas extensões variáveis de terra (Marques, 2021, p. 41)

Considerando que o livro foi publicado em 2021, em um momento de extrema tensão política nacional de preocupação com a condução da pandemia de COVID-19, talvez este seja o poema que tensione a afirmação de Salgueiro. Vale mencionar

ainda que no plaquete recentemente publicado pela coleção e clube de assinatura Círculo de Poemas, *De uma a outra ilha*, a poeta volta à Grécia, agora não pela via da mitologia, mas geográfica, poética e politicamente. O trânsito até Lesbos se dá interseccionando o lar da poeta Safo e a contemporaneidade da ilha grega, hoje lugar de trânsito de imigrantes que buscam entrar no continente europeu, algo que não se dá sem grande instabilidade. Está posta aí a poesia preocupada com a própria poesia, mas também ocupada pelo político. Afinal, “O mar não escolhe entre a nau/ e o naufrágio”.

Na segunda seção, “Postais de parte alguma”, o exílio é de outra ordem. O que se desenvolve é a ideia de viagem, algo que toca as cartografias dos livros anteriores da autora, mas agora mais dispersa. Na verdade, a viagem posta ali é um inconveniente. Esses postais voltam à metalinguagem, tratando da escrita, mas agora distantes, marcados pela distância do amor. Já em “Noções de linguística”, a metalinguagem está toda voltada para a língua: lê-se sobre a língua materna e língua estrangeira, a palavra riscada ou riscante. Um exemplo está no poema “Jet lag”:

a distância é erótica
mas quem deseja deseja
uma saída
guardo na boca fechada
as três sílabas
do teu nome (Marques, 2021, p. 54)

O trecho expõe o verso livre inteligente da poeta em “quem deseja deseja”, pela negação da quebra do verso esperada, gerando a repetição do desejo; além disso, o primeiro terceto acima relaciona a distância ao nome do objeto de amor do

segundo terceto, separados pela quebra da estrofe, fazendo da distância uma distância na página. No mesmo poema, o desencontro amoroso, além de geográfico, é também linguístico: “(que não me possas ler, que eu escreva numa língua/ que não é a tua” (Marques, 2021, p. 54) Essa língua ininteligível para o destinatário parece ser menos a língua portuguesa de “Noções de linguística”, e mais a língua do amor, que se tornou canhestra, estrangeira.

A relação da prosa e da poesia também está presente em poemas como “Prosa (I)”, na mesma seção. Após passar pelo casamento de uma prosadora e um poeta e seus ritmos de escrita; pela impressão de Joseph Brodsky sobre o que perde a poesia quando um poeta parte a escrever prosa; reavivar a imagem de João Cabral de Melo Neto da poesia como laboratório de experimentação, e em primeira pessoa a voz poética contar do lugar dos livros de poesia nas livrarias, o poema acaba com o dístico: “Tudo isso foi dito / em prosa” (Marques, 2022, p. 78) Assim, o poema define a si mesmo como prosa — ainda que escrito em verso.

Por fim, “Parar de fumar” é a seção que fecha o livro com outro fim, assim como o começo, mas agora o fim de um hábito. Impressiona, aqui, a iluminação com o isqueiro que a poeta consegue dar em poemas sobre o cigarro, comprovando a declaração do poema no início que insinuava que em torno das coisas se avolumam palavras.

Em suma, quando Ana Martins Marques é lida na pluralidade da poesia contemporânea, Wilberth Salgueiro — que publicou *Poesia brasileira: violência e testemunho*, humor e resistência antes de *Risque esta palavra* — tem razão ao pensar a poesia da mineira como subjetiva, expressiva e sentimental.

Como se vê, nesta obra os metapoemas e a metalinguagem se destacam (seja entrelaçados ao silêncio da morte, à escrita de postais, seja na língua mãe e estrangeira, seja na língua do vício). Essa linguagem é a do amor, mas também da pedra, do silêncio, daquilo que se avoluma. No entanto, os temas sociais estão de fato esquivos, mas não de todo ausentes. Na obra, o verso livre não se esquiva de pensar sobre si mesmo e a escritora imprime na página a palavra que risca o silêncio.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009

MARQUES, Ana Martins. *A vida submarina*. Belo Horizonte: Scriptum, 2009, p. 15.

MARQUES, Ana Martins; SISCAR, Marcos. *Duas janelas*. São Paulo: Luna Parque. Edições, 2016.

MARQUES, Ana Martins. *Risque esta palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SISCAR, Marcos. A cisma da poesia brasileira. *Revista de Poesia e Cultura*, ano 5, n. 8-9, 2005, Ateliê Editorial.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

SALGUEIRO, Wilberth. *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência*. Vitória: EDUFES, 2018.